

# 1

## Introdução

A fé cristã é pautada, desde a sua origem, na experiência de Deus Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Experiência esta que é fruto não apenas da procura de sentido por parte do ser humano, mas, antes, do próprio Deus, que, por sua livre vontade, toma a iniciativa de se aproximar, revelando-se a si mesmo. Esta revelação dá-se, sobretudo, em Jesus Cristo. Ele é o Filho único do Pai, que, concebido pelo poder do Espírito Santo, veio comunicar a salvação, convidando o ser humano a se tornar participante da História Divina de Amor, que é a Trindade. Alguns tiveram a oportunidade de se encontrar pessoalmente com Jesus, o Filho de Deus encarnado; de conversar com Ele, de tocá-Lo, de convidá-Lo para jantar em casa, de escutar as palavras que saíam de Sua boca e de ver as maravilhas que o Nazareno realizava. Aos homens e mulheres de hoje, que vivem numa distância histórica de Jesus de Nazaré, não é possível fazer o mesmo tipo de experiência que fizeram os primeiros discípulos. No entanto, se pode e, de fato, se faz a experiência de Jesus de outra forma, na Sua condição de Ressuscitado. Cristo Ressuscitado é o Vivente, Aquele que esteve morto, mas que agora está vivo pelos séculos dos séculos (cf. Ap 1,18). Ele é Aquele que continua vindo ao encontro do ser humano, em Sua condição de Ressuscitado, conversando pelas estradas da vida, partilhando a Escritura e o Pão (cf. Lc 24,13-32). Mediante o Seu Espírito, o Ressuscitado permanece sempre um contemporâneo (cf. Jo 14,16-18.26).

A experiência atual com o Ressuscitado é uma experiência diferente da dos primeiros discípulos, embora não totalmente, pois o Ressuscitado é o Crucificado (Jo 20,26-29). A ressurreição une os dois estágios, duas etapas da vida de Jesus que são a existência “segundo a carne” e a “segundo o espírito”<sup>1</sup>. Aquele que encontramos e que dá sentido à nossa vida é o Cristo Jesus, que iniciou seu ministério na Galileia anunciando por palavras e ações o Reino de Deus, que passou por toda parte fazendo o bem, morreu por causa deste anúncio, mas foi ressuscitado pelo Pai, no Espírito (cf. At 10,36-41). É Dele que somos discípulos e só o podemos ser a partir da contemplação de Sua vida histórica, da Sua existência segundo a carne, percebendo como, no Seu trajeto humano, foi fiel à

---

<sup>1</sup> FORTE, B., *Jesus de Nazaré, História de Deus, Deus da história*, pp. 87-94.

vontade do Pai até a radicalidade que exigiu a Sua própria vida. Este Jesus, que participou da história humana, sendo solidário aos homens e mulheres, especialmente àqueles destituídos de sua dignidade (cf. Lc 4,16-21), revelou-nos um Deus preocupado e envolvido com a história.

Através de Jesus, tomamos consciência da proximidade de Deus e de como ele foi se manifestando na história, no desenrolar dos acontecimentos, nas relações e dramas que se desenvolvem no tempo e no espaço. Em Jesus se faz a experiência de Deus não de modo intimista, numa relação espiritualista que desconhece a realidade dos homens e mulheres com suas conquistas e seus problemas concretos, mas, ao contrário, depara-se com um Deus bem próximo da história humana, que se compadece e busca salvar o ser humano, a exemplo da experiência do povo de Israel:

Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores; pois conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel. (Ex 3,7-8a)

No homem Jesus de Nazaré encontra-se o próprio Deus envolvido com a história humana e que procura transformar as histórias de dores e morte em história de ressurreição e alegria. É nesta história concreta de homens e mulheres que, em Jesus de Nazaré, Deus revela a sua história. Jesus revela a história de Deus, Trindade de amor, que vive em si uma história de amor e convida os seres humanos a fazer parte desta história. Na história de Jesus se manifesta este amor recíproco entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.<sup>2</sup> A Trindade se manifesta de modo especial na encarnação (cf. Lc 1,26-38), no batismo de Jesus (cf. Mc 1,9-11; Mt 3,13-17; Lc 3,21-22) e no louvor dirigido ao Pai (cf. Mt 11,25-27; Lc 10,21-26). No entanto, é no mistério pascal de Cristo que Deus se revela, de forma esplêndida, uno e trino (Lc 23,46; Jo 19,30).

Há, no mistério pascal de Cristo, a manifestação altíssima da Trindade, a manifestação da alteridade e pluralidade existente em Deus. Esta pluralidade, na entrega da cruz, fez transparecer a entrega de cada uma das pessoas divinas, e, com isto, a realidade da diversidade de pessoas em Deus. No entanto, esta

---

<sup>2</sup> “Pois bem, sim, tua a vês, a Trindade, se vês a caridade” In S. AGOSTINHO, *A Trin.*, VIII 8,12, p. 280.

diferenciação de pessoas não é causa de exclusão, divisão ou oposição em Deus, mas possibilidade mesma da unidade em Deus, que só é concebível mediante as diferenciações; caso contrário, seria uniformidade.

Este Deus Trindade, que sabe viver a unidade na diversidade, chama cada um a viver nesta mesma comunhão. Entra na história humana e se manifesta nela para que o ser humano possa tomar ingresso na história trinitária; vem à história humana abraçando-a para que cada um possa experimentar esta comunhão de amor. No encontro com a Trindade, cada pessoa é chamada a fazer sua história semelhante à do Deus Trino: a viver, também, uma comunhão de amor. Destarte, o modo de se relacionar é fruto da experiência mística, da intimidade com Deus. Mais do que uma regra de convivência meramente exterior, embora se traduza numa prática concreta, a vivência do amor é fruto de um encontro pessoal com a Trindade, que preenche toda a terra com o seu amor (cf. Sl 117,64). Um autêntico amor a Deus conduz, necessariamente, a um amor concreto aos irmãos e irmãs; e este amor entre irmãos, por sua vez, conduz a Deus:

Todo o que crê que Jesus é o Cristo nasceu de Deus, e todo o que ama ao que gerou ama também o que dele nasceu. Nisto reconhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos (cf. 1 Jo 5,1-2).

O amor de Jesus para com os seus discípulos deve, portanto, ser desdobrado num amor mútuo, pois este não consiste apenas no exemplo, é a capacitação para tal. Daí a importância de aceitar o amor de Jesus para poder ter a força de amar os irmãos com a intensidade que o amor de Jesus proporciona.<sup>3</sup> Esta vivência contínua do amor entre irmãos e do amor a Deus, vislumbrado no evangelho como um “permanecei no amor”, é possibilitada em Jesus pela permanência do Espírito nos seus, assim como Ele é o amor na Trindade, como afirmava Santo Agostinho.

Os cristãos, diante deste movimento de amor em Deus, são chamados a estabelecer novas relações que respeitem a liberdade, a dignidade e a diferença do outro. Através do amor mútuo, prolongam a manifestação do amor de Deus: “Ninguém jamais contemplou a Deus. Se nos amar-nos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor em nós é levado à perfeição” (1Jo 4,12). Temos aí a dimensão sacramental do amor. O dom torna-se tarefa. O amor de Deus dado gratuitamente torna-se eixo norteador de vida. Este amor que os cristãos devem

<sup>3</sup> Cf. JOSEP-O, T. V., *Jesús y El evangelio en La comunidad juanica*, pp. 117-118.

manifestar no mundo à semelhança do Deus Trindade tem como seu primeiro destinatário os pobres (cf. Lc 4,18; Mt 5,1-12; Lc 6,20-23). A estes, Jesus se faz solidário, vivendo também na pobreza e anunciando-lhes com palavras e gestos o Evangelho, a Boa Notícia do Reinado incluyente de Deus. O Reinado de Deus aparece como boa notícia para aqueles que nada têm, uma vez que se propõe a superar as estruturas de opressão e injustiça que geram uma sociedade excludente.

Percebe-se, no entanto, que o homem encontra-se imerso num mundo marcado pelo hedonismo e individualismo narcisista, no qual impera uma “cultura do descartável”, isto é, uma cultura na qual o ser humano é “coisificado”, visto apenas como objeto de interesses mesquinhos. Olhando para a realidade do Brasil, considerado o maior país católico do mundo, e sabendo que nele, além dos católicos, muitos manifestam nas diferentes igrejas cristãs a fé no Deus Trindade revelado em Jesus Cristo, é possível questionar-se que fé é esta que se professa que não é traduzida em relações de amor e solidariedade? (cf. Tg 2,14-26). É preciso ter consciência de que, muitas vezes, os próprios crentes têm a responsabilidade se alguns buscam expulsar Deus de seus corações negando a fé, seja pela falta de testemunho de amor, seja pela negligência para com este mundo (cf. GS 19). O descaso para com a história concreta e um discurso sobre Deus demasiado filosófico, racionalista e a-histórico levou muitos ao ateísmo e à indiferença para com a questão de Deus. Um discurso sobre Deus que não se traduz em um comprometimento com a história humana, marcada pela dor e sofrimento, apresenta-se irrelevante e, mais ainda, provoca a indiferença em relação à crença, favorecendo, com isto, seja o ateísmo, seja o indiferentismo para com a questão de Deus.

São questionadas as tradicionais imagens de Deus que aplicavam a ele tudo aquilo que, antes, era inexplicável pela ciência e, com o avanço desta, entra em crise; ou ainda aquelas demasiado antropomórficas, com as quais Deus aparece com características mais humanas que divinas. Mais ainda, na atual sociedade marcada pela exacerbação do individualismo e do hedonismo, constata-se, no plano cultural, um humanismo fechado, imanente, horizontal, em que o ser humano está voltado somente para as realidades temporais (até mesmo nas ciências voltadas ao todo, como a Filosofia e a Teologia).<sup>4</sup> Acresce a isto a

---

<sup>4</sup> MIRANDA, M. F., *A Igreja que somos nós*, p. 218.

emergência da subjetividade na cultura atual, em que a sociedade não se delinea numa única visão de sentido, mas em diversas, dentre as quais o indivíduo precisa optar. Aqui o que vale não é mais a tradição cultural, mas a escolha do indivíduo. Perde-se, também, na exacerbação da subjetividade, o horizonte maior do ser humano que o faz se perceber no “Todo”<sup>5</sup>. Neste novo quadro, a verdade sobre Deus não se impõe por si mesma<sup>6</sup>. É perceptível, de forma especial entre os jovens, o número daqueles que não mais estão preocupados com a questão de Deus, seja para afirmá-lo, seja para negá-lo, simplesmente deixando de lado a questão. Se o Concílio verificou que o ateísmo é um dos dados mais sérios do nosso tempo<sup>7</sup>, por outro lado, se constata que o indiferentismo religioso se apresenta mais perigoso que o ateísmo ideológico, uma vez que ele mina as bases não somente para a transmissão da fé, mas, também, para fazer a experiência de abertura ao Mistério Último. Trata-se do problema da crise de fé que se está vivendo no tempo hodierno; crise esta que é mais crítica do que a crise da instituição porque abala não somente a esta, mas a própria base sobre a qual esta se edifica; crise esta que não pode ser ofuscada pelos grandes eventos de fé.<sup>8</sup>

Mais do que um olhar pessimista e um desejo de retorno à cristandade, manifesto, sobretudo, no ritualismo, é importante, no atual momento, constatar a possibilidade de uma renovação da fé, não transcurando que o ser humano possui uma dimensão transcendente – um “coração inquieto”<sup>9</sup>, é ser de abertura a um horizonte mais amplo e que só se realiza na medida em que se abre a esta dimensão, ou seja, quando se abre à “pergunta radical”.<sup>10</sup> Há de se perceber, também, “uma procura de espiritualidade e um grande senso de solidariedade que pode caracterizar o tempo presente como um *kairós*, um tempo dado por Deus”.<sup>11</sup>

Assim, o tempo presente, como já afirmava Bonhoeffer, será “ocasião de interrogar-se em um confronto crítico com a tradição teológica sobre um conceito cristão de Deus”<sup>12</sup>; será oportunidade de se verificar o modo de se apresentar

<sup>5</sup> Id., *Igreja e sociedade*, pp. 44-52.

<sup>6</sup> MILANO, A., Verbete “Padre” in *Nuovo Dizionario di Teologia*, p. 1068.

<sup>7</sup> GS 19. Todas as citações de documentos conciliares, papais ou de comissões internacionais citados no transcorrer deste trabalho poderão ser localizadas no site do Vaticano <<http://www.vatican.va>> .

<sup>8</sup> KASPER, W., *La sfida della nuova evangelizzazione*, pp. 21 e 22.

<sup>9</sup> Cf. S. AGOSTINHO, *Conf.* 1,1, p. 15.

<sup>10</sup> Cf. FORTE, B., *L’eternità nel tempo*, p. 39.

<sup>11</sup> KASPER, W., *La sfida della nuova evangelizzazione*, p. 23.

<sup>12</sup> BONHOEFFER, D., *Resistenza e Resa*, p. 83.

Deus, de como sintonizar novamente Deus e história, ou seja, de como resolver a questão da linguagem sobre Deus. E, neste objetivo, para que Deus seja, de fato, pertinente à história, “para que a Trindade venha a ser redescoberta como o mistério salvífico por excelência é necessário então relê-la a partir da realidade histórica, na qual Deus, de fato, se revelou”.<sup>13</sup> Faz-se mister, portanto, a releitura da história e, mais propriamente, da história de Jesus, para que se possa verificar a beleza de Deus e deixar-se novamente encantar: “O conceito teológico da intuição do Crucificado é a doutrina trinitária. O princípio material da doutrina trinitária é a cruz de Cristo. O princípio formal do conhecimento da cruz é a doutrina da Trindade.”<sup>14</sup> Na memória da vida de Jesus, de forma especial no seu mistério pascal, tendo presentes os atuais desafios à fé, é possível encontrar um novo modo e um novo ardor de se falar de Deus, proporcionado pelo encontro com Cristo. Este novo modo de se falar de Deus, não significa apenas adotar a “linguagem do século”, uma “roupagem civil”, o que seria ingenuidade e não romperia a incredibilidade da Teologia e do discurso teológico em nossos dias;<sup>15</sup> mas, antes, vivenciar, junto a nossos contemporâneos, as incertezas do tempo presente e recuperar a relação entre a fé cristã e a história, apresentando um Deus que, em Jesus Cristo, está ao alcance do nosso contato histórico.<sup>16</sup> Revela-se necessária a reflexão sobre o modo de anunciar Deus para os contemporâneos de modo convidativo a novas experiências com Ele que resultem na conversão pessoal e social. A questão não é periférica ao centro da fé, reportando-se a um aspecto ou outro da dogmática ou da prática religiosa, mas “o que está em jogo é realmente o todo: tudo ou nada”.<sup>17</sup> Alguns teólogos, dentre os quais destacam-se Rahner, Castillo e Varone,<sup>18</sup> já perceberam a urgência de uma nova linguagem sobre Deus,

<sup>13</sup> FORTE, B., *La carità, forma della Chiesa*, p. 398.

<sup>14</sup> Id. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 190.

<sup>15</sup> Cf. RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, pp. 31-32.

<sup>16</sup> *Ibidem.*, pp. 34-42.

<sup>17</sup> *Ibidem.*, p. 34.

<sup>18</sup> Rahner, Castillo e Varone por meios distintos, apresentam a relevância e pertinência de tal abordagem.

Rahner apresenta a necessidade de realizar a reflexão de Deus a partir de sua livre e gratuita autocomunicação em Jesus Cristo. Na história de Jesus Cristo, na sua relação com o Pai por meio do Espírito, na economia da história percebe-se aquilo que Deus é em si mesmo: uma comunhão de pessoas. Com seu axioma que se tornou clássico, “A Trindade ‘econômica’ é a Trindade ‘imane’ e vice-versa”, ele indica que aquilo que Deus mostrou a nós na economia não pode ser diferente daquilo que ele é em sua natureza. É, então, necessário fixar-se na economia salvífica para se elaborar um autêntico discurso sobre Deus. A reflexão sobre Deus não deverá, portanto, partir de uma reflexão metafísica (da causa primeira de todas as coisas, princípio não causal...), mas, antes, do Deus que livremente se autocomunicou na história de Jesus Cristo (cf. Jo 1,14.16-

centro do anúncio e da vida cristã, que supere uma reflexão por demasiada abstrata e filosófica em vista de uma reflexão mais existencial e bíblica. Estes autores, dentre outros, salientam sobre a necessidade de uma autocrítica do discurso teológico.<sup>19</sup>

Há, no entanto, no quadro hodierno marcado pelo pensamento positivista, no qual a questão de Deus não é colocada, pois é tida como irrelevante – visto que, para este pensamento, o que vale é aquilo que é experimentável pela constatação matemática e a questão das causas primeiras não tem importância, mas o que interessa é o “agora” –, uma possibilidade: a experiência da fé, pois, mesmo imerso nesta mentalidade, o ser humano tem uma fome do Absoluto que não é saciada pelo pensamento positivista. Fome esta que mostra que a questão de Deus ainda não foi superada e que, desta forma, merece atenção.<sup>20</sup>

---

18). Há de se proceder, então, na reflexão teológica partindo sempre do nível da economia (Deus agindo em nosso favor e por nós) em direção ao nível da imanência (Deus em sua vida eterna e perfeita comunhão entre as divinas pessoas). Rahner ensina, ainda, que a autocomunicação de Deus realizada em Jesus Cristo não tem como fim um mero conhecimento intelectual, mas que esta realidade seja acolhida por nós enquanto proximidade e salvação. O Deus de nossa fé não pode ser pensado como “mistério lógico”, mas, sim, como “mistério de salvação”. O Deus revelado em Jesus autocomunica-se não numa retórica filosófica, mas na história salvífica. É a partir da história da salvação que sabemos que Jesus é o Filho de Deus e que o Espírito Santo é dom do Pai e do Filho.

Castillo defende a necessidade de a Teologia voltar-se ao Deus apresentado por Jesus Cristo e testemunhado pelos Evangelhos para se recuperar a verdadeira imagem de Deus, obscurecida pela Filosofia. Esta última, segundo ele, possibilitou que a Igreja formulasse sua doutrina da Onipotência divina, que contrasta com a do Deus dos Evangelhos. O Deus apresentado por Jesus Cristo é um Deus de amor e de bondade, de misericórdia e de perdão. Um Deus que se mostrou humanado e limitado em Jesus Cristo, que não apresentou soluções mágicas, mas que assumiu o lugar junto aos sofredores do mundo. O Deus apresentado como Todo poderoso, para o autor, surge como projeção e antropomorfismo humano. Embora sua tese necessite de um maior esclarecimento, pois pode favorecer a uma oposição entre fé e razão, podendo incorrer no fideísmo e no racionalismo fechado, ela levanta a necessidade de se recuperar a imagem de Deus revelada em Jesus Cristo e se partir dela na reflexão teológica, uma vez que “sem a referência à economia, a teologia se esvazia e se expõe a toda captura racional possível”.

Varone defende como necessária uma revisão da linguagem da fé, que, segundo ele, historicamente foi obscurecida e corrompida pela linguagem religiosa. O autor discorre acerca do pensamento central do Cristianismo, que é o sacrifício de Jesus. Este, pela linguagem de fé, é a entrega de Deus por nós até as últimas consequências, assumindo até a morte de cruz em Jesus Cristo, que não é querida por Deus por si mesma, mas somente como condição para a comunicação do amor de Deus, realizado pela pregação e vida de Jesus e assumido de forma radical.

Cf. RAHNER, K., *O Deus Trino, fundamento transcendente da história da salvação*. In *MS II/1*; Id., *Curso Fundamental da fé*; CASTILLO, J. M., *Deus e a nossa felicidade*; VARONE, F., *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*.

<sup>19</sup> O próprio Concílio Vaticano II já reconhecia que: “os crentes podem ter tido parte não pequena na gênese do ateísmo, na medida em que, pela negligência na educação da sua fé, ou por exposições falaciosas da doutrina, ou ainda pelas deficiências da sua vida religiosa, moral e social, se pode dizer que antes esconderam do que revelaram o autêntico rosto de Deus e da religião” *GS* 19.

<sup>20</sup> Cf. RATZINGER, J., *Dogma e anúncio*, pp. 79-91.

Diante deste horizonte, urge a necessidade de se elaborar um discurso sobre Deus que, tendo presente sua impotência de dar uma palavra última, de abarcar a realidade de Deus que é Mistério, possa, a partir da autocomunicação de Deus em Jesus Cristo, apontar para a Trindade Santa, de forma a incentivar uma experiência para com ela, dando sentido à existência humana. Um discurso por demais racionalista não leva em consideração a revelação histórica de Deus e gera falsas representações de Deus, atingindo prejudicialmente o Cristianismo e a missão da Igreja. Para a Teologia revelar autenticamente a imagem de Deus, ela necessitará ter presente a realidade histórica, ou seja, estar ciente de que a revelação de Deus se dá na história e para seres históricos.

Percebe-se, desta forma, a necessidade de se elaborar ou redescobrir uma linguagem sobre Deus que, partindo da Revelação Trinitária em Jesus Cristo, seja convidativa a novas experiências para com Ele, de forma a conduzir a uma verdadeira conversão pessoal e social. Daí a relevância do presente trabalho, que pretende apresentar, de forma sistemática, a cristologia trinitária de Bruno Forte como caminho de uma linguagem sobre Deus verdadeiramente cristã, que, partindo da história de Jesus de Nazaré, revele a história do Deus Trindade e, por conseguinte, a história humana na qual Deus fez história. “A doutrina trinitária é o princípio unificante e estruturante da verdade cristã”<sup>21</sup>. Redescobrir uma cristologia trinitária, tem-se a certeza de que o discurso sobre Deus retoma a dimensão existencial que lhe é própria, possibilitando a experiência do amor trinitário de Deus, que é fonte de novas relações de comunhão.

A cristologia de Bruno Forte é uma cristologia unida à História, que escuta os questionamentos provenientes dela e que procura reler a história de Jesus de Nazaré como uma história verdadeiramente humana na qual a história divina é revelada e que, com isto, leva os cristãos a um comprometimento para com a História. A íntima ligação entre Deus e a História é consumada, segundo o teólogo, pelo evento pascal, sinal de toda a vida de Jesus: “com o evento da ressurreição do Humilhado, que o Pai realiza mediante o Espírito, é traçado o destino da história e a vocação universal para a glória da Trindade: a ‘história da história’ resplandece na Páscoa do Senhor”<sup>22</sup>. Em Jesus, Deus se manifesta trinitariamente fazendo história e assumindo a história humana, pois “Jesus Cristo

---

<sup>21</sup> Cf. FORTE, B., *La parola della fede*, p. 70.

<sup>22</sup> Id., *Teologia da História*, p. 330.

é em si mesmo a aliança, que faz da história dos homens a história de Deus, e da história de Deus história dos homens”<sup>23</sup>. Assim vislumbra-se a importância da História para a Teologia: ela é o caminho no qual a Trindade se revela e pode ser encontrada pelo ser humano, se tornando, neste sentido, história da salvação. Ao se tratar de uma teologia da história, deseja-se apresentar que o Deus revelado em Jesus é responsável para com a História, se empenha nela e não quer o ser humano alheio à mesma, mas empenhando-se em sua transformação.<sup>24</sup> Desta forma, pode-se compreender a História como lugar da salvação do ser humano, pois nela o mesmo, dotado de consciência e liberdade, encontra o seu lugar de realização enquanto vive o presente em conexão com o passado e em perspectiva do futuro. História é o lugar de se experimentar a salvação de Deus e viver nesta salvação!

O presente trabalho busca, portanto, apresentar, de modo sistemático, a cristologia trinitária de Bruno Forte como caminho de elaboração de um discurso sobre Deus que, partindo da revelação Trinitária de Deus em Jesus Cristo, supere as inúmeras deturpações e manipulações da imagem de Deus fortemente crescentes no período hodierno e que favorecem o ateísmo e o indiferentismo para a questão de Deus. Uma cristologia como história do Deus Trindade pode proporcionar uma verdadeira experiência com o Deus de Jesus Cristo, de modo a subverter a história daqueles que se aventuram a viver tal experiência, como também a história na qual estão inseridos.

Para a elaboração do presente trabalho usa-se o método analítico. Pretende-se, deste modo, analisar a reflexão cristológica-trinitária de Bruno Forte, dela haurindo elementos cruciais para pensar a questão de Deus em nossos dias. Para a análise do pensamento do autor, utilizam-se as suas obras, incluindo livros, artigos e outras publicações, de forma especial aquelas relacionadas ao tema tratado. Concentra-se, portanto, a pesquisa ao aprofundamento de sua obra *Simbolica Ecclesiale*, em oito volumes: *La parola della fede; La teologia come compagnia, memoria e profezia; Gesù di Nazaret, storia di Dio, Dio della storia; Trinità come storia; La chiesa della Trinità; L’eternità nel tempo; Teologia della storia; Maria, la donna icona del mistero*. Esta obra primordial é o compêndio da

<sup>23</sup> Id., *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, pp. 179-180.

<sup>24</sup> Assim Forte define “história”: “‘História’ é sempre condição de existência, pela qual o sujeito, radicado no seu passado, toma posição diante dele e se projeta na liberdade para o seu futuro. ‘História’ é o ‘situar-se’ do espírito, na consciência e na liberdade, o seu pôr-se no hoje diante do ontem e o seu pro-por-se diante do amanhã.” Ibid., p. 55.

reflexão teológica do autor e, por isso, elemento fundamental para este trabalho. Nela o autor, partindo da Cristologia e, de forma especial, do evento pascal, busca iluminar a história divina e a história humana.

Para o enriquecimento da presente pesquisa são utilizados, ainda, os estudos de outros autores que tratam do tema ou que possam servir de aprofundamento em alguma questão; embora tenham um caráter secundário, são trazidos à discussão na medida em que sua reflexão se mostre relevante ao tema tratado.

O trabalho delimita-se ao estudo da relação entre Cristologia e Trindade a partir da vertente teológica de Bruno Forte. A delimitação da pesquisa, destarte, far-se-á nos aspectos cruciais sobre a revelação trinitária de Deus em Jesus Cristo nas obras do autor objeto de análise, em vista de perceber a plausibilidade de sua reflexão e sua contribuição para o pensar teológico hodierno.

Para se alcançar o objetivo deste trabalho, divide-se o mesmo em 8 capítulos, sendo o primeiro a introdução e o último a conclusão da tese. Os capítulos centrais são os capítulos IV, V e VI que apresentam a cristologia de Bruno Forte e como a história de Jesus torna-se caminho para se deparar com a história Trinitária de Deus. Na vida de Jesus, o Deus Trino – Pai, Filho e Espírito Santo – se apresenta como um Evangelho, uma boa-notícia aos homens e mulheres de forma a preencher suas vidas de sentido e alegria.

No capítulo IV, que tem por título “A história do Filho como história trinitária” se pretende verificar em que sentido a Cristologia é o caminho para a doutrina de Deus. Na humaníssima história de Jesus se vislumbrará a história do Deus Trino, que revela o seu ser e convida o ser humano para tomar parte nesta história de amor. Através da consciência e liberdade de Jesus, se perceberá a encarnação de Deus como proximidade amorosa de Deus; na sua morte escandalosa de cruz, um Deus apaixonado pelo ser humano a ponto de assumir suas dores; na sua ressurreição, a unidade do Deus Trino.

No capítulo V, intitulado “A história de Jesus e a história do Pai”, se verificará que a vida de Jesus de Nazaré e, de modo especial, o seu mistério pascal revelam o rosto paterno de Deus. Partir-se-á do atual contexto da sociedade, para que o termo “Pai” seja bem compreendido e não seja colocado como oposto ao mundo dos “emancipados”. Em segundo lugar, discorrer-se-á sobre a novidade do Cristianismo, que é a Filiação de Jesus, demonstrada na sua vida, toda ela relativa ao Pai; em seguida, debruçar-se-á, a partir da economia cristã, sobre o Pai

como princípio da história trinitária, para depois se aprofundar, enfim, com uma visão cristã, sobre a relação do Pai com o mundo criado.

No capítulo VI, cujo título é “A história do Filho, revelação do Espírito”, partindo-se da concepção de que a história da Páscoa é história Trinitária de Deus, se discorrerá sobre a história do Espírito. O Filho, que, no Espírito, se oferece na cruz, revela o Espírito Santo. A cruz é o momento em que Jesus entrega o Espírito para viver a sorte dos pecadores, assumindo o afastamento do Pai, para todos, Dele, aproximar. A ressurreição é o momento em que o Pai entrega o Espírito ao Filho, doando-lhe uma vida nova. Assim, em primeiro lugar, se tratará sobre a força do Espírito, presente na vida do Nazareno, e se verá Jesus como o Ungido do Senhor, Aquele que, sob a condução do Espírito, fez da sua vida um Dom; em seguida, se abordará o delicado tema da doação do Espírito por parte de Jesus, bem desenvolvido por Forte; em terceiro lugar, se salientará que o Espírito doado e recebido é aquela personalidade que favorece, na distinção, a comunhão entre o Pai e o Filho e deles com toda a criação; daí, finalmente, se contemplará a ação do Espírito como aquela que faz o Cristo tornar-se contemporâneo a nós, abrindo-nos a esta presença salutar.

A fim de que se possa compreender, de forma adequada, a densidade desta exposição se oferecerão dois capítulos introdutórios. O primeiro tratará sobre a atualidade de uma teologia trinitária da história. Verificar-se-á que a Teologia precisa-responder às interrogações e aos desafios atuais para se tornar relevante. E, neste sentido, se mostrará a importância de Bruno Forte, que apresenta a história de Jesus como caminho para se perscrutar a história trinitária de Deus, de forma a iluminar a história das pessoas de hoje. Assim, se abordarão os questionamentos que a História faz à Teologia, apontados por Forte; se discorrerá sobre o significado da revelação trinitária para hoje, mostrando a atual rejeição às grandes narrativas e, ainda, a carência de um discurso trinitário envolvente; se salientará que a Teologia necessita compreender-se como consciência crítica da experiência Trinitária e, ainda, originada e situada em meio às interrogações de cada tempo; se apresentará a contribuição de Bruno Forte com a sua teologia como história e, finalmente, se questionará como a Cristologia, ao proclamar o evento da Páscoa como evento Trinitário, pode apresentá-lo de modo que transpareça a sua atualidade e relevância para hoje.

O segundo capítulo introdutório buscará mostrar a estrutura Trinitária da Revelação. Uma vez que Jesus Cristo, o centro da fé cristã, é Aquele no qual se revela a Trindade, se perceberá, então, o conteúdo da revelação como, ao mesmo tempo, cristológico e trinitário. Assim, partindo da teologia de Bruno Forte, se verá o evento pascal, centro da fé, como conteúdo e forma da revelação trinitária de Deus; em seguida, debruçar-se-á sobre as categorias formais da reflexão de Forte, que permitem compreender sua teologia e verificar o evento da autocomunicação de Deus como evento trinitário; por fim, aprofundar-se-á esta revelação trinitária como evento de salvação, ou seja, como caminho para se abraçar a salvação oferecida em Cristo.

Ao final da tese, acompanhando o caminhar da Igreja no atual momento, se discorrerá sobre a Cristologia Trinitária e Nova Evangelização. Neste capítulo conclusivo, buscar-se-á, partindo de toda a reflexão precedente, sugerir algumas pistas para a pastoral da Igreja hoje. Discorrer-se-á, primeiramente, sobre o Mistério Trinitário revelado na pessoa de Jesus de Nazaré, como conteúdo da revelação, o que há de mais central na Teologia, e o verdadeiro e belo bem que a Igreja pode oferecer ao mundo; em segundo lugar, mostrar-se-á que centrar-se no Mistério Trinitário de Deus significa rever as estruturas da Igreja, que, muitas vezes, não favorecem a comunhão e, assim, não permitem que a Igreja se apresente como sacramento da Trindade; em terceiro lugar, salientar-se-á que, para que haja uma verdadeira mudança de estrutura, é necessária uma concomitante renovação espiritual de toda Igreja, iniciando-se por cada fiel. Finalmente, se concluirá que a reflexão trinitária de Deus desemboca numa vivência da diaconia e da caridade, num comprometimento com a história social que possibilite a credibilidade do anúncio. Desta forma, se buscará apresentar a beleza do Evangelho Trinitário e sua importância para o ser humano contemporâneo. Da Cristologia trinitária, há de se encontrar o caminho para a nova evangelização, para anunciar em nosso tempo, com a boca e com a vida, o verdadeiro rosto de Deus, a nós, revelado; não com a prepotência de dar uma palavra definitiva sobre o Mistério, mas na obediência Àquele que encontramos e que nos enviou em missão por toda a terra, a contagiar a todos com a experiência do Deus Trindade (Mt 28,19).